

Alteridade pusional e projeção nas psicoses

Luiz Carlos Tarelho

As dificuldades encontradas por Freud para definir a projeção no âmbito da paranóia estão ligadas - é o argumento deste artigo - a uma concepção auto-centrada do inconsciente da qual ele não consegue se liberar.

As dúvidas de Freud às contribuições de Lacan e de Klein

O ponto de partida da reflexão aqui proposta é o caráter provisório conferido por Freud à sua discussão a respeito do mecanismo da projeção no seu texto central sobre as psicoses, que é consagrado às Memórias do Presidente Schreber. Esse texto, intitulado "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia paranoides*)", constitui, como se sabe, o grande marco da abordagem psicanalítica sobre a paranóia e sobre as psicoses de um modo geral. Nele, Freud lançou as bases desta abordagem colocando a ênfase sobre a questão da sexualidade inconsciente. Além disso, esse texto representa uma verdadeira colocação à prova de pontos centrais da sua teoria nessa confrontação

com a psicose. É o caso da noção de inconsciente, de recalcque, de narcisismo e, entre outras, da de projeção, que nos interessa aqui mais de perto. E, no que diz respeito a esta última, a posição de Freud é digna de nota, pois, como veremos, após ter baseado toda sua explicação num modelo genérico da projeção, ele termina reconhecendo a inadequação deste modelo e sublinhando a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre o funcionamento do referido mecanismo.

A hipótese central defendida por Freud nesse texto, e da qual aliás ele nunca abriu mão, é, como se sabe, a de que o delírio de perseguição desenvolvido pelo

Luiz Carlos Tarelho é psicanalista e doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris VII. O presente artigo é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado, apoiada pela FAPESP e desenvolvida no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Presidente Schreber, envolvendo sobretudo seu médico e a figura divina, pode ser explicado a partir da projeção de seus próprios desejos homossexuais inconscientes. Mas, na hora de descrever esse processo, Freud manifesta certas dúvidas que o levam a suspender temporariamente a discussão até que um estudo mais específico sobre o assunto pudesse trazer nova luz para a compreensão deste mecanismo. Assim, após ter mostrado que o mecanismo de formação do sintoma na paranóia tem a ver com a projeção, ele acrescenta:

“Seríamos tentados a tomar este impressionante processo como sendo o que há de mais significativo na paranóia e como absolutamente patognomônico da mesma, se não fôssemos lembrados a tempo que: 1) a projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranóia, e 2) que ela não ocorre somente na paranóia, mas também em outras circunstâncias da vida anímica, e que se lhe pode, além disso, atribuir uma participação regular em nossa postura diante do mundo exterior. Se não procuramos em nós mesmos as causas de certas sensações de origem sensorial, como procuramos as de outras sensações, mas se, ao contrário, as situamos no exterior, esse processo normal também merece o nome de projeção. Tendo assim sido alertados que, para se compreender a projeção, esbarramos em problemas psicológicos mais gerais, nos decidimos a reservar para um outro contexto o estudo da projeção(...).”¹

A mesma questão é retomada no final do texto, onde Freud chega inclusive a visualizar uma solução, mas ele a deixa em aberto prometendo uma investigação mais aprofundada a respeito. Trata-se da famosa passagem na qual ele escreve: “Foi incorreto dizer que a sensação interiormente reprimida é projetada para o exterior; antes nos

damos conta de que o que foi interiormente suprimido retorna do exterior. A investigação aprofundada do processo da projeção, que postergamos para uma outra oportunidade, nos trará uma certeza definitiva sobre esse assunto”.² Tal estudo parece ter feito parte do projeto dos textos metapsicológicos de 1915, mas não se sabe se ele foi realmente escrito pois nunca foi encontrado.

O delírio
retira sua força
de convicção
do núcleo de realidade
histórico-vivencial.

Um outro elemento que chama também a atenção é uma certa ambigüidade em relação ao tratamento do conteúdo projetado quando se compara as duas descrições que Freud fornece do mecanismo da projeção nesse mesmo texto. Na primeira³, o amor homossexual sofre a transformação em ódio antes de ser projetado, de forma que é sobre o ódio que a projeção parece atuar. Mas, na segunda descrição⁴, a transformação parece se dar após ter ocorrido a projeção, de tal forma que a seqüência passa a ser então: 1) eu o amo, 2) ele me ama e 3) ele me odeia. Neste caso, a transformação em ódio aparece mais como uma deformação secundária

que vem impedir o reconhecimento da projeção. Essas descrições introduzem pois uma certa dúvida em relação à natureza do afeto sobre o qual atua a projeção.

As questões deixadas em aberto nesse texto nunca foram retomadas por Freud de forma sistemática pois o estudo específico da projeção por ele prometido nunca foi escrito, ou pelo menos nunca foi publicado. Em 1915, por exemplo, ano em que foram redigidos os trabalhos sobre a metapsicologia, Freud escreveu um novo texto sobre a paranóia, intitulado “Comunicação de um caso de paranóia contradizendo a teoria psicanalítica”.⁵ Esse texto é dedicado à discussão de um caso de uma paciente atormentada por idéias de perseguição que pareciam, pelo menos à primeira vista, contradizer a hipótese defendida no texto de 1911 sobre Schreber, segundo a qual a paranóia está diretamente ligada a desejos homossexuais inconscientes. No entanto, a grande preocupação de Freud nesse texto não é propriamente com o mecanismo da projeção, que havia ficado pendente em 1911, mas sim com a pertinência desta hipótese para explicar a paranóia feminina. A questão do mecanismo da projeção aparece de forma muito marginal e sem ser diretamente problematizada. Toda a argumentação no texto gira em torno da necessidade de mostrar que, por trás da relação erótica com o colega de trabalho da paciente, se escondia um desejo homossexual inconsciente, do qual figurava como objeto a sua chefe enquanto representante da figura materna.

Mas há um outro texto no qual Freud, apesar de não retomar as questões deixadas em aberto em 1911, acrescentou algo importante para a discussão da projeção. Trata-se do artigo de 1921 intitulado “Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na ho-

mossexualidade". Nesse artigo, ele introduziu um elemento novo nessa discussão sublinhando que há uma contribuição do inconsciente alheio na operação realizada pela projeção. Esta hipótese é formulada da seguinte maneira:

"Recordamos que também os paranóicos perseguidos se comportam de um modo inteiramente similar (ao dos ciumentos). Eles também

Para Lacan,
o que foi foracluído
do Simbólico reaparece
no Real.

não reconhecem nada nos outros que seja indiferente e exploram em seus 'delírios de relação' os mínimos indícios que lhes oferecem esses outros, esses estranhos. (...) Ora, temos o sentimento de descrever de modo muito insatisfatório tanto o comportamento do paranóico, quanto o do ciumento e o do perseguido, dizendo que eles projetam para o exterior, nos outros, o que eles não querem perceber em seu próprio interior. É verdade que é o que eles fazem, mas eles não projetam, por assim dizer, no vazio, onde não há nada de semelhante; ao contrário, eles se deixam guiar

pelos conhecimentos que têm do inconsciente e transferem sobre o inconsciente dos outros a atenção que eles retiram de seu próprio inconsciente."⁶

A novidade introduzida por Freud nesse texto é de que há uma relação entre o inconsciente do paranóico e o inconsciente das pessoas sobre as quais incide a projeção por ele operada. Esta relação parece pressupor a existência de uma similaridade entre o material projetado e as motivações inconscientes do sujeito eleito como objeto (destinatário) da projeção. Mas Freud não se interroga muito sobre esta relação, contentando-se em afirmar que ela constitui a base sobre a qual se opera a transferência da atenção que o paranóico realiza de seu inconsciente para o inconsciente alheio. Um dos objetivos do presente trabalho é justamente o de refletir sobre a natureza desta relação. Saber como e por quais vias ela se estabelece são questões fundamentais que merecem, a nosso ver, uma discussão mais aprofundada, para a qual este trabalho pretende fornecer uma contribuição.

Para avançar nessa discussão, podemos partir do que Freud escreveu em 1937 sobre o delírio, isto é, que este último retira sua força de convicção do *núcleo de realidade histórico-vivencial* que ele contribui para resgatar. Segundo essa hipótese, a construção produzida pelo delírio constitui uma tentativa de conferir sentido a um fragmento biográfico ligado a uma vivência infantil, que foi recortado do mundo simbólico do sujeito e que fornece ao delírio uma base material.⁷ Levando em conta essa hipótese, podemos nos perguntar se não existiria uma relação entre esse núcleo de realidade histórico-vivencial e o núcleo de realidade representado pelas motivações inconscientes do sujeito escolhido para receptáculo da projeção. Vale lembrar, entretanto, que a reflexão desenvolvida no

texto de 1921 conduz a uma apreciação diferente da realidade envolvida nesse processo. A hipótese apresentada ali está baseada na idéia de que existe um modo de comunicação inconsciente e, portanto, também de um modo de conhecimento inconsciente. E essa comunicação, assim como esse conhecimento, não pertencem ao mesmo nível de realidade da realidade factual. Ao contrário, eles permitem pressupor a existência de um outro nível de realidade, que é próprio dos fenômenos inconscientes e que desempenha um papel central nas formações delirantes.

Esta é uma questão que encontrou bastante ressonância na reflexão de Lacan, e de um modo muito particular com a noção de Real. Retomando a solução entrevista por Freud para o problema da projeção no seu texto sobre Schreber à luz da discussão sobre a *Verwerfung* desenvolvida no contexto das alucinações do Homem dos Lobos, ele abriu novas perspectivas para o entendimento das psicoses. Isso o levou a desenvolver a noção de *forclusion* como decorrência de uma reformulação da hipótese lançada por Freud. Assim, a expressão freudiana: "o que foi interiormente suprimido retorna do exterior" passou a ser entendida como: "o que foi foracluído do Simbólico reaparece no Real".⁸ Sem entrar na discussão das críticas às quais essas noções estão sujeitas na esteira da concepção lacaniana do significante, acreditamos que essa reflexão deu um passo importante no sentido de mostrar que o delírio não pode ser reduzido a um simples efeito de deformação do processo de percepção, segundo o esquema clássico da projeção *psicológica*, pois ele está ancorado em algo que foi excluído do mundo simbólico do sujeito e passou a fazer parte de um registro no qual o desejo subsiste de forma totalmente desligada e desarticulada, ao qual Lacan

chamou de Real. Embora muito controvertida, essa reflexão lacanianiana sobre o Real pode ser entendida como uma tentativa de dar conta da existência de um âmbito de realidade próprio à sexualidade humana, o qual é posto em evidência de forma flagrante pelo psicótico. Além disso, ela tem o mérito de mostrar

A excessiva
projeção da pulsão de
morte no psicótico
decorre
de um desejo sem
mediação.

o quanto o psicótico se encontra preso a um desejo sem mediação, no qual ele figura como mero objeto e cuja fonte é o inconsciente do outro.

Esse desejo sem mediação nos conduz à questão da pulsão de morte e de sua relação com a psicose e com a projeção. A relação entre projeção e pulsão de morte foi solidamente estabelecida por Freud a tal ponto que ele liga a origem do mecanismo da projeção à necessidade de expulsar para fora as ameaças decorrentes da pulsão de morte.⁹ Mas a discussão sobre essa relação ocorreu um pouco à margem da reflexão freudiana sobre as psicoses. O que Freud priorizou nessa reflexão, principalmente no âmbito da segunda tópica, foi a questão da

perda da realidade, conforme atesta seus dois principais textos sobre o assunto.¹⁰ A questão pulsional não é diretamente discutida nesses textos; o que ele faz a esse respeito é basicamente reafirmar sua concepção baseada no modelo onírico.

Mas, se em Freud a relação entre a projeção, a psicose e a pulsão de morte ainda se encontra em pontilhados, em Melanie Klein, ao contrário, ela é uma espécie de esteio sobre o qual se apóia sua reflexão. Partindo da hipótese freudiana da necessidade de uma deflexão originária da pulsão de morte, Melanie Klein desenvolveu sua teoria sobre o estabelecimento das relações objetais tendo como base os mecanismos da clivagem e da identificação projetiva.¹¹ E essa é também a base sobre a qual ela construiu sua teoria sobre as posições. A dita posição esquizoparanóide é assim concebida como o resultado de um processo defensivo que visa fazer face à invasão maciça da pulsão de morte que ameaça o eu de aniquilamento. Diante dessa ameaça, o eu recorre a mecanismos arcaicos de defesa, como a clivagem e a projeção, que caracterizam justamente o modo de relação objetual predominante na posição esquizo-paranóide. Através da clivagem, o eu visa manter uma parte de si livre da ameaça de destruição. E, através da identificação projetiva, ele tenta transpor para dentro do objeto as partes ameaçadoras que foram clivadas do resto do eu, cindindo assim também o objeto.

Desse modo, vemos que, enquanto Freud colocou o acento sobre a libido homossexual em sua explicação sobre a paranóia, Melanie Klein deu ênfase à questão da pulsão de morte, sobretudo na forma da voracidade oral destrutiva. É essa voracidade dirigida ao objeto introjetado no eu, e o conseqüente risco de destruição, tanto do objeto quanto do eu, que se encontra, segundo ela, na origem desse pro-

cesso que, pela via da identificação projetiva, transforma a angústia de aniquilamento em angústia de perseguição por parte de um objeto voraz.

Resumindo o que vimos até aqui, podemos dizer que as dificuldades encontradas por Freud para solucionar os problemas colocados pela projeção na psicose devem-se basicamente a dois fatores: de um lado, à *ausência de um ponto de vista descentralizado para explicar a alteridade do inconsciente e, de outro, ao distanciamento entre suas hipóteses sobre a pulsão de morte e suas reflexões sobre as psicoses.*

Em relação ao primeiro fator, vimos que Freud chegou inclusive a vislumbrar a importância do inconsciente alheio na projeção, mas o seu apego a um ponto de vista centralizado do inconsciente não lhe permitiu visualizar todas as implicações dessa inteligência. Da mesma forma, ele chegou a pressupor a existência de um modo de comunicação e de um modo de conhecimento inconscientes, aproximando-se assim da distinção de um nível de realidade específico para esses fenômenos, mas, pela mesma razão, ele não conseguiu avançar nessa direção. Lacan deu um passo importante nesse sentido, como vimos, mostrando que a alteridade do inconsciente está ligada à sua origem exógena, tendo como base o desejo do outro, e que esse desejo, no caso do psicótico, é um desejo sem mediação que permanece excluído do mundo simbólico do sujeito, se situando num registro que o determina como uma força estrangeira implacável e indomável. Com isso, ele mostrou também que o processo descrito como projeção na paranóia não pode ser entendido apenas a partir do modelo "psicológico/especular" da projeção, pois há outro nível de realidade em jogo.

Algo semelhante se passou também com a pulsão de morte. Freud estabeleceu um vínculo estreito en-

tre a origem do mecanismo da projeção e a deflexão da pulsão de morte para o exterior. Mas, curiosamente, essa reflexão sobre a pulsão de morte teve muito pouca influência sobre o que ele desenvolveu na segunda tópica a respeito das psicoses, que foi, convém lembrar, muito exíguo. Quem tratou de forma sistemática sobre essa relação foi, como vimos, Melanie Klein, que fez das defesas esquizoparanóides o ponto de partida das relações objetais.

Na psicose, Laplanche problematiza a questão da projeção.

Nosso objetivo neste trabalho é o de retomar a relação entre os diversos elementos apontados acima, mas dentro do contexto da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, no qual esses elementos podem ser articulados de uma forma original e que nos parece mais fecunda para a compreensão e para a solução das dificuldades encontradas por Freud em sua reflexão sobre esse mecanismo de defesa.

A importância da reflexão de-

envolvida por Laplanche pode ser medida não apenas em função da sua originalidade e da sua consistência, mas também e sobretudo em função das perspectivas que ela abre para a solução de questões que ficaram pendentes na literatura psicanalítica, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista clínico. Este é o caso, ao nosso ver, da questão da projeção na psicose, assim como das outras que lhe são correlativas, isto é, a da alteridade do inconsciente, a da pulsão de morte e a do tipo de realidade ao qual ambos remetem. Veremos a seguir como cada uma dessas questões correlativas se encontram problematizadas em sua teoria e como a articulação proposta entre elas pode contribuir para a formulação de novas hipóteses a respeito da projeção na psicose.

Um modelo descentralizado da sexualidade inconsciente

Inspirado em grande medida na reflexão lacaniana, Laplanche procurou repensar todo o arcabouço psicanalítico a partir de uma hipótese básica que correlaciona a alteridade do inconsciente com o seu processo de constituição, no qual a sexualidade do outro adulto desempenha um papel central. Entretanto, o caminho escolhido para esse empreendimento é diferente do proposto por Lacan, pois ele não se baseia nem no estruturalismo e nem na linguagem, mas sim numa reformulação da teoria freudiana da sedução.

Esta reformulação foi realizada a partir da distinção de um nível de sedução que se encontra ancorado num tipo de realidade diferente tanto da realidade factual (*Realität*), pressuposta na primeira formulação freudiana desta teoria, quanto da realidade tida como incontornável (*Wirklichkeit*), pressuposta em suas reflexões posteriores a este respei-

to envolvendo os cuidados maternos. Este nível de sedução, ao qual Laplanche chama de originário, está ligado a um tipo de realidade que é próprio da vida pulsional e que tem como base material o que ele chama de *significantes des-significados*. O que determina a sedução nesse nível é a dissimetria existente entre o psiquismo da criança, que se encontra no início da vida orientado quase que exclusivamente pelas exigências ligadas à auto-conservação, e o psiquismo do adulto, que vive sob a influência de forças inconscientes que ele próprio desconhece mas que motiva grande parte de suas ações. Essa dissimetria é uma dissimetria, antes de mais nada, pulsional, que é pensada por Laplanche em termos de atividade/passividade. Ela é marcada por um *plus-de-sabedoria-inconsciente* do lado do adulto e é esse *plus* que o situa como agente ativo nesse nível estrutural de sedução¹². Esse *plus* chega à criança como uma mensagem que a interroga bem antes que ela possa compreendê-la e para a qual ela tem que encontrar um sentido. Mas, além de se situar como mera receptora, pois a comunicação nesse plano é considerada unilateral no início, a criança também não dispõe dos meios necessários para entender o sentido das mensagens inconscientes provenientes do mundo adulto. É nisso que reside basicamente a sua posição de passividade.

Tal dissimetria é a condição universal que confere a esse nível de sedução um estatuto diferente dos dois anteriores e que permite tomá-lo como fundamento destes últimos na medida em que seus efeitos traumáticos também dependem dessa condição universal. Numa de suas formulações a respeito, Laplanche escreve: "A sedução originária é a essência última das duas outras devido ao fato de que só ela introduz a dissimetria 'atividade-passividade'. Os cuidados 'mater-

nos' ou o ataque 'paterno' só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático."¹³ O importante é que, com isso, tornou-se possível a superação das duas grandes limitações às quais a teoria freudiana da sedução estava presa. A identificação dessa dissimetria como sendo o elemento universal de toda sedução permitiu desvencilhá-la da limitação ao contingencial e ao factual; e o reconhecimento desse elemento como sendo algo constitutivo da condição humana permitiu, por sua vez, liberá-la da restrição ao patológico. É na superação desses dois aspectos que se fundamenta a generalização proposta por Laplanche a respeito dessa teoria, que adquiriu assim o estatuto de uma verdadeira teoria na qual a explicação a respeito da constituição do inconsciente e, com ele, de toda a tópica psíquica passou para o primeiro plano.

Para a construção dessa teoria, na qual nos inspiramos aqui, ele retomou três aspectos considerados fundamentais na teorização de Freud: 1) questão do *a posteriori* (*Nachträglichkeit*, *l'après coup* em francês), isto é, do traumatismo em dois tempos, 2) idéia de uma primeira diferenciação tópica, que permite situar o ataque como ataque interno, e 3) hipótese das transcrições entre os diferentes sistemas que situava o recalque como uma falha de tradução. Rearticulando estes aspectos num contexto teórico mais amplo, o da teoria da sedução generalizada, ele propôs explicar a constituição do inconsciente como fazendo parte de um processo de tradução-simbolização desencadeado pelo efeito traumático das mensagens parentais, no qual ela se situa de forma negativa, como uma falha, como uma impossibilidade de tradução.

Este processo é visto como um movimento de teorização (no sentido amplo das teorias sexuais infan-

tis) no qual a criança se lança com objetivo de encontrar respostas para o enigma colocado pela sexualidade do adulto e de conter, assim, a angústia que acompanha necessariamente a excitação provocada por essa sexualidade. Na busca destas respostas, ela conta com a ajuda indispensável do mundo adulto que lhe fornece, além do material simbólico necessário para realizar essa teorização, o estímulo para mover a máquina na forma de investimento do seu narcisismo. Mas esta ajuda providencial tem também os seus limites pois o próprio adulto vive numa relação de

É na obscuridade
dos elementos
enigmáticos
do adulto que se
originam o recalque
e o inconsciente.

alteridade com seu inconsciente, de forma que a dimensão enigmática de suas mensagens foge a seu próprio conhecimento e domínio. É no âmbito desta zona de obscuridade, criada pelos elementos que são enigmáticos para o próprio adulto, que se situa, nessa teoria, o recalque originário e a origem do inconsciente.

Concebido a partir do modelo tradutivo descrito por Freud na Car-

ta 52, como uma recusa (*Versagung*) de tradução, o recalque originário é visto por Laplanche como se encontrando na origem da pulsão e do inconsciente. Ao operar uma segregação dos significantes refratários ao processo de tradução, ele acaba provocando a *des-significação* dos mesmos e criando, ao mesmo tempo, um espaço interno de alteridade onde predomina o enigma do outro. Estes *significantes des-significados* se transformam no que ele chama de *objetos-fonte da pulsão*, que constituem os elementos de base do inconsciente.

Tendo indicado, ainda que de forma sintética, os pilares sob os quais se assenta a teoria elaborada por Laplanche, podemos agora sublinhar os pontos que nos parecem relevantes nessa teoria para a nossa reflexão sobre o mecanismo da projeção. Começemos pelo que é mais elementar, isto é, pela mudança de paradigma que essa teoria propõe ao situar na origem do processo que leva à constituição do inconsciente uma dissimetria pulsional envolvendo o mundo sexualizado do adulto e o mundo inicialmente dessexualizado da criança. Esta mudança de paradigma, que se situa no esteio da reflexão lacaniana, abriu novos horizontes não apenas para a compreensão dos fenômenos inconscientes mas também para o estudo das psicopatologias e dos mecanismos defensivos a elas relacionados, como é o caso da projeção na psicose. Se Freud tem razão, como vimos, em afirmar que na projeção o sujeito se deixa guiar pelo conhecimento que tem do inconsciente do outro e que ele não projeta onde não há nada de semelhante, podemos supor que essa semelhança e que esse conhecimento podem ser melhor entendidos a partir dessa hipótese que vê nas fantasias inconscientes dos pais o grande móbil de um movimento de simbolização no qual a constituição

do inconsciente se inscreve de forma negativa, como fracasso desse processo, o que permite pressupor a existência de uma certa ligação, mesmo que indireta, entre o inconsciente do adulto e o da criança. A questão que se coloca de imediato é a de se saber se esta ligação não pode ser a base sobre a qual a projeção se estabelece. Mas, antes de

A pulsão de morte
se origina
da vida pulsional
parental, móbil
da projeção.

respondermos a esta questão, é importante avançarmos um pouco mais na análise dos outros aspectos em jogo, como é o caso da relação entre o recalque originário e a instauração da tópica psíquica.

Intimamente ligada ao recalque originário, a instauração da tópica psíquica encontra-se também inscrita numa temporalidade complexa, marcada pela idéia do traumatismo em dois tempos. O primeiro tempo corresponde ao momento de inscrição das mensagens parentais no psicossoma da criança, a qual se encontra ainda despreparada, tanto física quanto psiquicamente, para reagir à excitação por elas provocada. Este despreparo a situa numa posição de passividade que,

segundo Laplanche, fornece as bases sobre as quais se constitui a vida pulsional, que é assim marcada originariamente pelo masoquismo. Neste primeiro momento, se existe alguma diferenciação, ela se restringe mais à dissimetria interno-externo. A diferenciação das instâncias psíquicas se inscreve no movimento de teorização descrito acima, cujo móbil é justamente a necessidade de fazer face a essa posição de passividade. E é esse movimento que, ao contribuir para a precipitação de um objeto interno investido narcisicamente, cria as condições para o surgimento do eu e para o fortalecimento das forças defensivas que sustentarão o recalque originário.

Esta breve descrição do processo de diferenciação das instâncias psíquicas é, naturalmente, bastante precária, mas o nosso objetivo é, na verdade, sublinhar três aspectos relacionados a este processo que são importantes para a nossa reflexão. O primeiro diz respeito ao estatuto tópico que pode ser conferido às mensagens parentais nestes dois tempos da diferenciação das instâncias. No primeiro deles, como o eu ainda não existe como objeto interno, isto é, como instância, pois ele encontra-se todavia confundido com a totalidade do corpo, e como estas mensagens são inscritas na periferia desse eu-corpo indiferenciado, elas possuem um estatuto ambíguo de *sexual-pré-sexual* e de *interno-externo*. Além disso, nesse primeiro momento, elas funcionam muito mais como um ataque externo do que como um ataque interno, pois ainda estão diretamente ligadas à intervenção dos pais. Somente num segundo momento, quando já se produziu uma certa diferenciação interna e quando este vínculo se afrouxou, é que ocorre uma mudança nesse estatuto, de tal forma que o ataque passa a ser, então, essencialmente interno, isto é, provocado agora por uma

recordação. Nossa hipótese, como veremos mais adiante, é que certas mensagens não perdem nunca esse estatuto ambíguo inicial passando, assim, a desempenhar um papel central na determinação do mecanismo da projeção. Podemos imaginar que esta condição é o que, na psicose, leva a uma quase indiferenciação entre certas esferas do mundo interno e certas manifestações do mundo externo. Do mesmo modo, é possível supor que a crença inabalável que os delirantes têm em relação a seus delírios está ligada ao fato de eles serem elaborados a partir de elementos que ainda conservam essa ambigüidade quanto à sua localização.

Ligado a este aspecto tópico, há também um aspecto dinâmico, que diz respeito à posição que essas mensagens ocupam em relação à realidade interna e à realidade externa. Como vimos, elas fazem parte de um tipo de realidade, distinto tanto da realidade material (externa) quanto da realidade psicológica (interna, da vivência subjetiva), que é próprio aos fenômenos ligados à vida pulsional inconsciente. E o que é talvez mais importante para nossa reflexão: este nível de realidade não se situa de forma paralela aos outros dois mas sim de forma *transversal* (como diz Laplanche, ele *habita* estes dois níveis), funcionando como um elo de ligação entre eles, o que contribui certamente para o fato de ele poder ser confundido com ambos, assim como para a confusão que ocorre entre estes dois níveis. Importante também é o fato, já sublinhado por Freud, de que este nível de realidade, ao qual ele se refere em alguns momentos com o nome de *realidade psíquica*, apresenta uma coerência e uma resistência comparáveis às da realidade material.¹⁴

O terceiro aspecto que merece ser destacado neste processo diz respeito à pulsão de morte. Esta última constitui, como se sabe, uma

questão bastante polêmica na reflexão freudiana e pós-freudiana e à qual Laplanche propõe uma solução sem dúvida controvertida, mas de grande utilidade prática. Ao invés de tomá-la como a expressão de uma força biológica obscura que visa a volta a um estado inanimado e que é bastante questionável do ponto de vista biológico, ele propôs situá-la como sendo a expressão da parte mais desligada da sexualidade. Esta proposição é feita dentro de um contexto mais amplo de discussão que procura mostrar o quanto a introdução dessa noção por Freud vem responder à necessidade de um reequilíbrio teórico perdido justamente em função da justaposição que se operou entre a sexualidade desligada e a libido narcísica. Nosso objetivo aqui não é o de resgatar todo o contexto dessa discussão.¹⁵ Mas simplesmente o de sublinhar a fecundidade desta hipótese, que situa a pulsão de morte na origem da sexualidade inconsciente e que a identifica como a expressão de uma alteridade radical, cuja fonte são os elementos pulsionais ligados à sexualidade parental que escaparam ao processo de simbolização na criança.

O interesse desta proposição para a discussão aqui proposta a respeito do mecanismo da projeção se revela pela mudança de perspectiva que ela propicia. Se é verdade, como vimos no início, que a pulsão de morte é o grande móbil da projeção, podemos dizer, a partir desta hipótese, que não é pois indiferente o fato de ela ter a sua origem ligada a elementos que provêm da vida pulsional parental. Este fator é, na verdade, de suma importância uma vez que são justamente estes elementos que estão em jogo na projeção. São eles que constituem a grande ameaça que coloca em ação este mecanismo e são eles também, podemos supor, que indicam a direção do deslocamento a ser operado, cujo sentido é oposto ao do

movimento originário que os inscreveram no psicossoma da criança. Neste sentido, a projeção pode ser vista como uma tentativa de reenviar para o mundo externo, para o outro, algo cuja origem é externa mas que não pode ser integrado interiormente e contra o qual o eu não possui outros meios defensivos eficazes. Esta concepção vem reforçar a idéia de que se trata de um mecanismo arcaico ao qual o eu em formação era obrigado a recorrer na ausência de outros recursos defensivos. Outra hipótese que pode também ser aventada a partir desta reflexão é a de que a projeção, ao deslocar o ataque para o mundo externo, fazendo com que ele provenha de fora, acaba trazendo à tona a questão da repetição pois contribui, assim, para reeditar a situação originária de sedução à qual os elementos pulsionais em questão estão vinculados.

A projeção e a questão dos significantes intraduzíveis

O que foi visto até aqui já permite uma nova intelecção a respeito do mecanismo da projeção, mas falta ainda um elemento essencial para a compreensão deste mecanismo no âmbito da psicose, que é a questão das mensagens não acessíveis ao movimento de teorização/simbolização mencionado anteriormente. Esta questão foi tratada por Laplanche num texto bem curto, intitulado *Implantation, intromission*, no qual ele procura fazer uma distinção entre os processos sedutivos que dão lugar a um desenvolvimento psíquico normal-neurótico e aqueles que estariam na origem da psicose. *Implantação e intromissão* são os termos que ele utiliza para descrever estes dois tipos de processos cujos desenlaces são, respectivamente, a vida psíquica normal-neurótica e a psicose. Em suas palavras:

“A implantação é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao lado dele, como sua variante violenta, é preciso levar em conta a *intromissão*. Enquanto que a implantação permite ao indivíduo uma retomada ativa, com sua dupla face tradutiva-recalcadora, é preciso tentar conceber um processo que obstaculiza esta retomada, curto-circuita a diferenciação das instâncias em via de formação e coloca no interior um elemento rebelde a qualquer metabole.”¹⁶

Implantação e
intromissão são
processos
sedutivos cujos
respectivos desenlaces
são a neurose e
a psicose.

Embora Laplanche não tenha desenvolvido uma reflexão específica sobre as psicoses, e em menor grau ainda sobre a projeção nesse contexto, suas sugestões a esse respeito são muito fecundas, como revela a passagem que acabamos de citar. Sua hipótese pressupõe a existência de mensagens que, no caso das psicoses, estão ligados a processos violentos de inscrição no psicossoma e que, além disso, se

tornam refratárias ao movimento de elaboração simbólica ao qual estão vinculados o recalque e a diferenciação das instâncias. São mensagens que não seguem, portanto, a mesma evolução temporal descrita acima uma vez que elas são fechadas ao processo de substituição significante e tendem a permanecer no mesmo estado em que foram inscritas.

Ao nosso ver, isso faz com que elas conservem aquele estatuto ambíguo inicial que as mensagens possuem antes de serem reativadas e re-significadas *a posteriori*, isto é, um estatuto de interno-externo que lhes conferem uma posição de alteridade dentro da tópica psíquica muito mais radical do que os elementos recalcados. Devido ao parentesco que elas possuem com as mensagens que dão origem ao superego arcaico, elas podem, como procuramos mostrar num trabalho anterior,¹⁷ se transformar em enclaves que encontram espaço na esfera desta instância, participando inclusive de sua constituição. Seja como for, o importante é que, mesmo quando isso ocorre, elas não chegam a perder esse caráter de alteridade e esta posição ambígua uma vez que elas não são submetidas, como as outras mensagens, a um trabalho de re-significação. Segundo a inteligência que desenvolvemos a partir da escuta de pacientes psicóticos, é justamente sobre esse tipo de material que incide a projeção na psicose. Esta hipótese traz, em nosso entendimento, uma nova luz para a questão da relação entre a projeção, o inconsciente alheio, a pulsão de morte e as psicoses.

De acordo com esta hipótese, podemos dizer que a relação entrevista por Freud entre a projeção e o inconsciente alheio é muito mais complexa do que ele imaginou. Esta relação não se encontra apenas no final do processo, como uma espécie de sustentáculo sobre o qual o

psicótico se apoia para poder projetar, tal como Freud havia indicado, mas o determina desde o início, isto é, desde a infância quando são inscritos esses elementos de alteridade que não encontram derivação na tópica psíquica. Em nossa opinião, é sob esta base inicial que se sustenta todo o processo, de tal forma que o encontro com este outro que servirá de receptáculo para a projeção é, no fundo, um reencon-

O encontro
com o
outro - receptáculo da
projeção - é uma
reatualização
do trauma.

tro. Um reencontro que vem reatualizar o trauma e exigir uma solução, para a qual a projeção se apresenta como uma das poucas alternativas. Além disso, se é verdade que as mensagens parentais inscritas através deste processo de intromissão são inacessíveis ao processo de substituição significante e se mantêm praticamente inalteradas, podemos supor que elas conservam um vínculo com o inconsciente parental muito mais forte do que as que são inscritas

através do processo de implantação. E isso, naturalmente, tornam estes sujeitos muito mais sensíveis, mas também muito mais vulneráveis, à influência do inconsciente alheio, como se verifica de fato na clínica das psicoses.

No que diz respeito ao papel da pulsão de morte neste processo, é possível se afirmar o seguinte: se é lícito pressupor, em primeiro lugar, que há uma ligação estreita entre a pulsão de morte e o mecanismo da projeção, como já o fizera Freud, e, em segundo lugar, que a pulsão de morte tem a ver de fato com os elementos de alteridade pulsional derivados do desejo parental, como o fazemos na esteira da reflexão laplanchiana, e, por fim, que estes elementos de alteridade produzem na psicose uma alienação desestruturante em relação ao desejo parental, podemos, então, sustentar que a projeção representa nesses casos uma tentativa, ao mesmo tempo, de afastar e de rastrear a origem da ameaça de aniquilamento à qual o eu está sujeito diante destes elementos de alteridade.

Para terminar estas considerações a respeito da especificidade do mecanismo da projeção nas psicoses, resta lembrar que este processo de afastamento e de rastreamento é mediado pela intervenção de um nível de realidade, próprio da vida pulsional inconsciente, que, nestes casos, assume uma certa primazia em relação à realidade material e à realidade psicológica. Esta primazia se estabelece, em nossa opinião, em função da alteração que ocorre na posição transversal que este nível de realidade ocupa em relação aos outros dois. Esta posição transversal é determinada, como vimos, pelo fato de que os significantes recalcados, que constituem este nível de realidade, não podem normalmente se manifestar de forma direta ou isolada. Para tanto, eles precisam se conectar

com outros significantes do mundo simbólico do sujeito ou da realidade material. A grosso modo, isso é o que se encontra na base do que se convencionou chamar de formação de compromisso. Ora, o que ocorre com esses elementos de alteridade que não puderam ser metabolizados é que, como eles não se encontram submetidos à barreira do recalque, eles podem se manifestar independentemente deste vínculo com outros significantes ligados à realidade psicológica ou material. E isso implica numa mu-

da realidade, na psicose, ocorre a *criação* de uma nova realidade. Apontada desde cedo pelos psicopatologistas, esta criação é até hoje objeto de muita controvérsia mas, em nosso entendimento, pouco se avançou em relação à sua compreensão. A hipótese aqui apresentada propõe uma explicação para este fenômeno que abre uma nova possibilidade de se entender as produções delirantes e, com isso, também um campo relativamente novo de pesquisa. Segundo esta hipótese, se o delírio representa uma nova

psicológica e da realidade material para poder se expressar em função da barreira imposta pelo recalque.

NOTAS

1. S. Freud, "Remarques psychanalytiques sur un cas de paranoïa (*Dementia paranoides*) décrit de forme autobiographique", in *Oeuvres Complètes de Freud - Psychanalyse (OCF-P)*, vol. X, Paris, PUF, 1993, p. 289 (tradução do autor).
2. *Ibid.*, p. 294.
3. *Ibid.*, p. 285.
4. *Ibid.*, p. 288-9.
5. S. Freud, *OCF-P*, XIII, p. 306-317.
6. S. Freud, "De quelques mécanismes névrotiques dans la jalousie, la paranoïa et l'homosexualité", in *OCF-P*, vol. XVI, Paris, PUF, p. 91 (a tradução é do autor).
7. S. Freud, "Construcciones en el análisis", Buenos Aires, *Amorrortu Editores (AE)*, v. XXIII, 1986, parte III.
8. Seu principal texto a respeito é: "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", in *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 531-583.
9. Ver a respeito: "Além do princípio do prazer", *AE*, XVIII, p. 29 e "O problema econômico do masoquismo", *AE*, XIX, p. 170. Na verdade, mesmo antes da introdução da noção de pulsão de morte, essa relação já se encontra nitidamente estabelecida com a idéia da expulsão de um perigo pulsional ou do desprazer (ver, por exemplo, "Pulsões e destinos de pulsões", *AE*, XIV, p. 130).
10. S. Freud, "Neurosis y psicosis" e "La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis", *AE*, XIX, 1989, p.151 e 189 respectivamente. Ver também as críticas formuladas por M. Dayan a respeito deste modelo em seu livro: *Les relations au réel dans la psychose*, Paris, PUF, 1985.
11. Conforme, por exemplo, M. Klein, "Notes sur quelques mécanismes schizoïdes", in *Développements de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1966. Não estamos levando em conta aqui as nuances entre esses dois autores no tocante à noção de pulsão de morte.
12. Ver a respeito: "Temporalité et traduction. Pour une remise au travail de la philosophie du temps", in *La révolution copernicienne inachevée*, Paris, Aubier, 1992, p. 332.
13. *Novos fundamentos para a psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, p. 137.
14. Ver a respeito: J. Laplanche e J.-B Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 548.
15. O leitor interessado pode se reportar ao artigo de Dominique Scarfone intitulado "Dessexualização", in *Projecto - revista de psicanálise*, Porto Alegre, 5, 6, 1996, p. 27-42.
16. J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée*, Paris, Aubier, 1992, p. 358. O termo *metábole* é utilizado por Laplanche para se referir ao processo de substituição significativa ao qual dá lugar as mensagens enigmáticas do adulto. A escolha deste termo é justificada por ele em função de dois fatores: de um lado, pela analogia com a idéia de metabolismo e com os processos subjacentes de decomposição e recomposição, e, de outro, pela necessidade de indicar que este processo de substituição ocorre não somente pela via da semelhança (metáfora), como pensam os lacanianos, mas também pela via da contigüidade (metonímia), as quais se encontram, na maioria das vezes, interligadas. Ver a respeito os *Novos fundamentos...*, *op. cit.*, p. 139.
17. L. C. Tarelho, *Paranoïa et théorie de la séduction généralisée*, Paris, PUF, 1999.

O delírio se distingue do material recalcado porque é construído por elementos de uma realidade que independe das realidades psicológica e material.

dança de posição do nível de realidade ao qual eles pertencem: ao invés de se situar de modo *transversal* em relação aos outros dois, este último passa a se situar de forma *paralela*, estabelecendo, assim, uma relação de competição com os outros dois. Uma competição que, nos momentos de descompensação, tende a ser vencida por este nível de realidade em função do comprometimento das funções egóicas.

Esta hipótese permite também entender melhor porque, enquanto na neurose ocorre uma *deformação*

forma de produção psíquica, isto se deve ao fato de que ele é construído a partir de elementos de alteridade pertencentes a um nível de realidade que adquiriu independência em relação à realidade psicológica e à realidade material, transformando-se em algo totalmente estranho, inclusive para o próprio sujeito. Esta é também a razão pela qual estes elementos dão lugar a algo diferente do que ocorre com o material recalcado que, apesar de também ter se transformado em algo estranho, continua dependendo da realidade